



No meio do caminho, a Lagoinha¹

Daniela Macedo Diniz Dias Lacerda²
Edmundo de Novaes Gomes³

Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O trabalho a seguir apresenta uma crônica-reportagem produzida na disciplina de Redação Jornalística II, do curso de Jornalismo, do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, durante o 2º semestre de 2009. Retrata a realidade de um dos bairros mais antigos de Belo Horizonte, passando por sua memória histórica e cultural. O texto fala também de problemas característicos da região, como exclusão social e criminalidade. A crônica foi construída concomitantemente ao desenvolvimento das obras de duplicação da Avenida Antônio Carlos, que aconteceram exatamente na região da Lagoinha.

PALAVRAS-CHAVE: Lagoinha; memória; exclusão social; crônica-reportagem; jornalismo opinativo.

INTRODUÇÃO

A partir de uma origem operária, o bairro da Lagoinha surgiu junto à construção de Belo Horizonte, por volta de 1897, época em que a capital começava a ser ocupada. Ao longo de sua existência, a região somou características diversas, reunindo ambiente familiar e a principal zona boêmia da capital mineira em um mesmo local. Tudo isso sem falar em um movimentado e próspero comércio. Hoje, a região possui altos índices de criminalidade, configurando uma paisagem que reflete os anos de abandono pelos órgãos públicos.

Desse modo, a Lagoinha vive um momento de transformação trazido pela duplicação da Avenida Antônio Carlos, principal via de acesso ao local. Estas obras complementam o projeto Linha Verde, através do qual o governo do Estado, em parceria com a Prefeitura de Belo Horizonte, trabalha para facilitar o acesso entre o centro da capital, os aeroportos da Pampulha e de Confins e a Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais, inaugurada no último 4 de março. São obras, afirmam os governantes, que trarão benefícios para o trânsito da região e crescimento econômico para a cidade.

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria II Jornalismo, modalidade produção em jornalismo opinativo.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: daniela.macedo@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso Comunicação Social - Jornalismo, email: ed2222@uai.com.br.



No entanto, em meio a tudo isso, está a Lagoinha. Não apenas a Lagoinha que necessita de melhorias no trânsito e crescimento econômico, mas aquela tomada por seres humanos excluídos da sociedade, por índices de criminalidade alarmantes e por numeroso patrimônio histórico e cultural que está se perdendo. Enfim, a Lagoinha que tem suas sutilezas ofuscadas pela magnitude das obras em andamento.

O gênero jornalístico escolhido para reportar o progresso que essas obras trarão e, ao mesmo tempo, mostrar através das sutilezas que os benefícios não serão para todos foi a crônica. Não a crônica encarada estritamente a partir das definições mais exatas encontradas nos compêndios do jornalismo tradicional. Mas uma crônica que avança e, sem deixar de lado o gênero opinativo no qual está firmemente ancorada, encontra-se também com a interpretação característica da reportagem.

Nesse sentido, poder-se-ia mesmo dizer que “No meio do caminho, a Lagoinha” é um texto que oferece ao leitor crítico e mais atento um encontro inusual de linguagens jornalísticas. O título intertextual, que chama a poética de Carlos Drummond de Andrade para a escritura, antecipa bem o que o texto pretende. E o que esta matéria quer é justamente pautar-se por uma postura de transgressão em seus mais distintos níveis de produção. Assim, não é demais afirmar que o texto transpassa os aspectos mais usuais do jornalismo em dois momentos decisivos.

Primeiro, a transgressão acontece em plano mais formal, qual seja, o do próprio significante, na medida em que não encara a crônica jornalística apenas a partir de suas definições mais aceitas. Como lembra Jorge de Sá (2002, p. 7), a crônica é também o lugar em que o “narrador-repórter” registra o circunstancial. E tal apontamento, acredita-se, só é possível ser realizado com justeza na medida em que possa também avançar sobre a tradição, privilegiando a excelência formal característica do “autor-narrador-repórter” (apenas para acrescentar mais um termo à já reconhecida definição de Jorge de Sá) e apurando seu sentido mais analítico, pois “somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida” (SÁ, 2002, p. 11).

E é essa vida aquilo que dá o tom do segundo momento decisivo daquilo que pretende “No meio do caminho, a Lagoinha”. O texto quer também produzir marcas no que se refere ao registro das vidas que transitam por ele próprio. Como acontece em “A ponte”, de Gay



Talese (2004), em que se procurou também inspiração, busca-se aqui privilegiar o aspecto mais humano dos fatos que acontecem durante a obra que é realizada em um dos lugares mais antigos e emblemáticos de Belo Horizonte, a Lagoinha. Como numa reportagem, fontes documentais consultadas, trabalhadores e autoridades são ouvidos, tudo para instalar uma narrativa na qual a interpretação constrói seu próprio lugar textual. Assim, o que se tem em “No meio do caminho, a Lagoinha” é também uma transgressão do gênero, de modo que opinião, informação e interpretação caminham juntas em um texto que tem como um de seus principais objetivos evidenciar a vida.

2 OBJETIVO

Produzir uma crônica-reportagem sobre a obra de duplicação da Avenida Antônio Carlos, que acontece na Lagoinha, tradicional região de Belo Horizonte, registrando seus aspectos mais humanos e críticos.

3 JUSTIFICATIVA

“No meio do caminho, a Lagoinha” foi produzido no sentido de cumprir a avaliação dada pelo professor Edmundo de Novaes Gomes, da disciplina de Redação Jornalística II, do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH). Tal avaliação, com o valor de 25 pontos, foi dada a todos os alunos. O professor pedia que cada estudante fizesse uma apuração e construísse um texto jornalístico sobre as obras de duplicação da Avenida Antônio Carlos, que aconteciam, pelo menos parte delas, em frente ao próprio UNI-BH. O gênero do texto foi deixado em aberto, para que o próprio aluno pudesse escolher. A ideia era também publicar o trabalho em um blog, o que de fato aconteceu. Nesse sentido, decidi construir um texto que, partindo da crônica, produzisse também, como já dito anteriormente, certa conjugação de gêneros, colocando em seu interior características próprias do opinativo, do informativo e do interpretativo.



4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para produzir o texto de “No meio do caminho, a Lagoinha”, foram realizadas apurações sobre o processo de duplicação da Avenida Antônio Carlos que, durante o segundo semestre de 2009, aconteciam em frente ao Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).

No total, foram feitas oito entrevistas, cinco delas utilizadas no próprio texto. Assim, a crônica-reportagem traz as vozes de mendigos, trabalhadores e especialistas, além de reproduzir também dados obtidos a partir da pesquisa documental.

No entanto, para cumprir à risca a proposta do professor Edmundo de Novaes Gomes, era necessário também entrar em outros dois campos do jornalismo: o da fotografia e o da edição (aqui, por meio da publicação de blogs na internet). Para isso, fotografias foram tiradas e, depois de redigido, “No meio do caminho, a Lagoinha” foi publicado, junto com trabalhos de outros alunos da disciplina “Redação Jornalística II”, no blog “Pancadaria na Lagoinha”, que poderá ser encontrado no endereço eletrônico <http://pancadarianalagoinha1.blogspot.com>.

Vale também dizer que, depois de publicado, como parte do processo didático-pedagógico proposto pelo professor, o texto foi corrigido na própria página da internet, na medida em que era, ao mesmo tempo, comentado com o aluno. Tais correções foram também publicadas na internet e podem ser encontradas - assinadas por “Cidadão Cão”, pseudônimo do professor Edmundo - em <http://pancadarianalagoinha1.blogspot.com/2009/11/no-meio-do-caminho-lagoinha.html>.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As obras na Avenida Antônio Carlos aconteciam em frente ao Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH). E, ali, eu, a aluna-jornalista (termo que uso na crônica), começava seu exercício. Lama, poeira, destroços, máquinas e tratores, esse foi o caminho que me levou à primeira fonte: Samuel, um dos engenheiros responsáveis pela obra. Samuel se negou a dar mais uma entrevista, protestando quanto aos inúmeros alunos que já haviam



passado por ali (provavelmente, meus colegas, realizando o mesmo trabalho proposto pelo professor).

Decidi, então, incluir tudo isso no texto: a recusa, a condição de aluna-aprendiz e, ao mesmo tempo, de jornalista em exercício. A partir daí, procurei registrar não só os relatos das fontes, mas também o “making of” do que acontecia, revelando aquele dia vivenciado entre as obras.

No início da noite, o vigia da região da obra na qual eu me encontrava chegava para o trabalho. Muito satisfeito, dizia não se importar em passar as noites naquele lugar, havia se empregado recentemente, comemorava tal oportunidade. Ao mesmo tempo, minha vontade já era me afastar dali. Essa contradição indicava o lado humano existente por trás de toda realidade. Um lado humano que, vale mesmo lembrar, seria de fato a base da minha narrativa.

Após o registro das situações, entrevistas, pesquisa documental, apuração, observação e registro fotográfico, passei à construção do texto, tendo como principal motivação o apontamento das sutilezas como parte de toda a realidade apurada. Sim. Naquele texto, eu podia me encontrar: criadora e criatura, perita novata, aprendiz versada, fonte e repórter, paradoxo total.

6 CONSIDERAÇÕES

Com este trabalho, tentei mostrar o que está por trás do que é normalmente noticiado. Quis construir um texto que incluísse, ao mesmo tempo, a apuração da matéria e os registros das sutilezas. A crônica, sendo o gênero jornalístico com maior liberdade textual e estilística, foi a base que encontrei, que julguei mais apropriada, para tal construção.

Assim, escrevi “No meio do caminho, a Lagoinha”. Uma tentativa de unir opinião, interpretação e informação em um único texto jornalístico, não deixando de lado a fidelidade às circunstâncias. Não deixando de lado, especialmente, tudo o que seria possível incluir. Fazendo um esforço para diminuir, ao menos no jornalismo, as exclusões. Um esforço dos muitos que ainda farei. As obras de transformação da Lagoinha iriam, de fato,



me inaugurar. No meio dos trabalhadores, uma a mais. Papel e caneta na mão. A câmera fotográfica. Muita dúvida e curiosidade na cabeça. Desejo intenso de ver, ouvir, conhecer, experimentar algo diferente.

É por isso que sei: eu estava começando ali.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**: o lado oculto de celebridades, a fascinante vida de pessoas desconhecidas e um inusitado perfil de Nova York, por um mestre da reportagem. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

APÊNDICE – Fotografias registradas durante o exercício



Região da Lagoinha em obras



Obras em frente ao UNI-BH



Viaduto em construção



Homens trabalhando na Av. Antônio Carlos